

**1ª PARTE: ABORDAGENS
HISTORIOGRÁFICAS: CONTRIBUIÇÃO AO
DEBATE**

**AS NOVAS INFLUÊNCIAS METODOLÓGICAS
NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.**

Gilberto Freyre e sua "Casa Grande & Senzala"

Wilson Montagna

(Pós-graduando em História - PUC-SP)

O homem Gilberto de Mello Freyre:

"Certos gostos mais finos da velha cosinha das casas-
grandes que fez dos fornos, dos fogões e dos tabuleiros
de bolo da Bahia seu último e Deus queira invencível
reduto"

"O que estragou tudo foi a usina"

Do Próprio.

A Obra de Gilberto Freyre:

"Mucambo modelar
Que tanto celebram
Os sociólogos do lugar"

J. C. de Melo Neto. -

O Método de Gilberto Freyre:

"Como vê, Mário Neme, aí está um caso em que o
método cultural carrega água para o monjôlo da reação"

Antonio Cândido - 1944. -

O Ensaísta Gilberto Freyre

"De todos os ensaístas brasileiros, o mais lúcido"

F Braundel

A Revolução de 1930 “se não foi suficientemente longe para romper com as formas de organização social, ao menos abalou as linhas de interpretação da realidade brasileira — já arranhadas pela intelectualidade que emergira em 1922 com a semana da Arte Moderna, de um lado, e com a fundação do Partido Comunista, de outro. Assim como no plano da política, na seara da historiografia novos estilos apareceram, contrapondo às explicações autorizadas de Varnhagen, Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu e Oliveira Viana, concepções até então praticamente inéditas, e que soariam como revolucionárias para o momento. A historiografia da elite oligárquica empenhada na valorização dos heróis da raça branca, e representada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (fundado em 1838), vai ser contestada de maneira radical por um conjunto de autores que representarão os pontos de partida para o estabelecimento de novos parâmetros no conhecimento do Brasil e seu passado. Esse momento é marcado pelo surgimento das obras de Caio Prado Jr. (1933), Gilberto Freyre (1933), Sérgio Buarque de Holanda (1936) e Roberto Simonsen (1937)”¹.

GILBERTO DE MELLO FREYRE, nasceu na cidade do Recife, no ano de 1900 — filho do Dr. Alfredo Freyre e de Dna. Francisca de Mello Freyre. Os seus estudos iniciais foram feitos com professores particulares, entre outros o inglês Mr. Williams, a francesa Mme. Meunier, e o próprio pai, com quem se iniciou no estudo do latim e no de português. Aos 17 anos terminou os estudos secundários no Colégio Protestante Americano Gilreath, de Pernambuco, seguindo imediatamente para os Estados Unidos. Bacharelou-se em Artes Liberais, especializando-se em Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Baylor, fazendo em seguida pós-graduação em Colúmbia, onde teve como um dos mestres o antropólogo Franz Boas.

Viajou e conviveu com os intelectuais da época, tanto nos Estados Unidos como na Europa, entre eles, John Dewey, Yeats, Tagore, Príncipe Alberto do Mônaco, os do grupo Action Française, etc. Publicou sua tese universitária em inglês, sobre o Brasil, e nela sustentou que a situação do escravo no Brasil patriarcal fôra superior à do operário europeu do século 19.

Retornou ao Brasil em 1923 indo residir no Recife. Aproxima-se de jovens intelectuais nordestinos entre eles José Lins do Rêgo. Nesse período inicial que a grosso modo vai de 1923 até 1930 — dedica-se ao jornalismo, política e a vida intelectual. Como político ligou-se ao governo pernambucano e a Estácio Coimbra que o acompanha no exílio (revolução de trinta). Como jornalista foi diretor do jornal “Província”. Na atividade intelectual assina o Manifesto Regionalista que enfatizava a tradição como resposta ao Manifesto Modernista de São Paulo.

A revolução de 1930 obrigou-o a “aventura do exílio” levando-o primeiro à Bahia, depois à Portugal e África. Em Salvador visita demoradamente o Museu Afro-Bahiano Nina Rodrigues e a “arte e os trajos das negras quitu-

teiras²...”. Em Portugal foi convidado para ser professor visitante na primavera de 1931 da Universidade de Stanford, deixa então Portugal com as “coleções do Museu Etnológico, com os sabores novos de vinho-do-porto, de bacalhau, de doce de freiras. Juntando-se a isto o gosto de rever Sintra e os Estoris e o de abraçar amigos ilustres”³.

Em 1934, já no Brasil organiza o Primeiro Congresso Afro-Brasileiro e sofre prisão política porque vinculado a “esquerda democrática”. Mas redimiou-se como deputado federal pela UDN em 1946. Foi delegado brasileiro na UNESCO em 1950. Continuando no caminho da redenção política em 1962 em entrevista ao jornal “O Estado de São Paulo” acusa Francisco Julião de ser agitador remunerado do exterior e afirma suas convicções na Aliança para o Progresso, programa de ajuda norte-americano.

Em 1964, escreve para o TIME, indicando que o comunismo na sua forma mais arcaica estava tomando conta do Brasil. Após o golpe militar de 1964 recebe convite do General Castelo Branco para ser Ministro da Educação. Como colocou, para que aceitasse, a condição de que todos os reitores e conselhos universitários deveriam ser demitidos, não chegou a ocupar o posto.

Em 1969 na radicalização do processo dos estudantes, declarou que a glória do Brasil não são os jovens.⁴

Em 1980 foi devidamente emendado por Salim Maluf com a ordem do Ypiranga.

Não sei porque não pertence a Academia Brasileira de Letras.

CASA GRANDE & SENZALA – VIGA MESTRA DA OBRA DE GILBERTO FREYRE – PUBLICADA EM DEZEMBRO DE 1933 NO RIO DE JANEIRO POR MAIA & SCHMIDT – EDITORES. A PARTIR DA 6ª EDIÇÃO - 1950 - PASSA A SER PUBLICADA COMO VOLUME I DE HISTÓRIA DA SOCIEDADE PATRIARCAL NO BRASIL. -

A obra, trata segundo o próprio autor de “reconstituição e de interpretação de aspectos mais íntimos do passado nacional e ao mesmo tempo de sondagem de antecedentes de raça e principalmente de cultura da sociedade brasileira de formação mais profundamente agrário patriarcal”⁵.

A tentativa de descrever e explicar a história brasileira através do processo de miscigenação, explica o plano da obra que fundamentalmente procura descrever os três principais grupos (raciais) responsáveis pela colonização – índios Cap. II portugueses Cap. III – negros Cap. IV e V e a sua contribuição para

a formação do Brasil. Antes de analisar este processo, Gilberto Freyre procura descrever⁶ as características gerais da colonização portuguesa do Brasil: Cap. I — “formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida”⁷.

O problema da miscigenação estava preocupando Gilberto Freyre desde seus tempos de Colúmbia. “Era como se tudo dependesse de mim e dos da minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação”⁸.

A teoria que embasa a obra é a tese culturalista de Franz Boas, segundo a qual as diferenças entre grupos raciais devem ser explicadas pelo ambiente social, e não por características inatas das raças. “Nesse critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano desse ensaio”⁹.

Neste caso (as idéias de Franz Boas) o ambiente social funcionava como coordenada básica para o estudo de comportamento de diferentes grupos sociais. Apenas não afasta a possibilidade de existência de diferenças psicológicas entre as raças. Esse “apenas não afasta” serviu de brecha para Gilberto Freyre dar às raças um peso psicológico maior, chegando a mencionar certas qualidades condicionadas pela raça, ou até mesmo indicando algumas “felizes predisposições de raça”¹⁰, e por essa brecha passa os elementos teóricos que estribariam e nutririam a ideologia de Freyre e dos seus representantes da velha visão liberal da cultura brasileira, calcada em modernos critérios antropológicos de convivência harmônica entre raças e classes. Em 1945, numa série de palestras proferidas nos Estados Unidos, Freyre descreveu o idílico cenário da democracia racial brasileira. Embora reconhecesse que os brasileiros não foram isentos de preconceitos raciais, argumentava que a distância social no Brasil, fora resultado de diferenças de classe, bem mais do que preconceitos de cor ou de raça. Apontou o fato de que no Brasil qualquer pessoa que não fosse obviamente negra, era considerada branca. Expressou a convicção de que os negros foram rapidamente desaparecendo no Brasil e incorporando-se ao grupo branco. Foi no processo de miscigenação que Freyre julgou terem os brasileiros descoberto o caminho para escapar dos problemas raciais que atormentavam os norte-americanos¹¹.

O aspecto político e econômico da colonização não mereceu atenção de Gilberto Freyre, a não ser indiretamente. Centralizou seu ensaio no aspecto social. Dadas as condições da colonização era inevitável o sistema de latifúndio e escravos. Quanto a escravidão do índio e do negro, Freyre dá uma interpretação diferente da tradicional na história brasileira. Para ele, o obstáculo à escravização do índio não era o seu “espírito de independência”, mas o estágio cultural nômade em que se achava, com rala agricultura e dificuldade em adaptar à vida sedentária. Isto, todavia, não significava que o índio não exercesse influência da formação brasileira. Exerceu-a em primeiro lugar através da mulher índia, cuja “sexualidade exaltada” combinou com a do portugueses. Em segundo lugar o animismo indígena que o brasileiro ainda hoje sente

“por uma espécie de memória social” o que explica que o brasileiro se sinta próximo da floresta, seus animais e monstros. Outra herança indígena seria a crença no sobrenatural.

Ao considerar a influência negra na formação do brasileiro, considera que quanto a luxúria, o negro teve menos influência que o português e o índio. O seu papel foi muito mais passivo que ativo.¹² Na caracterização psicológica do brasileiro, a ama de leite lhe teria dado uma bondade maior que a dos brancos, uma ternura desconhecida aos europeus, um misticismo que enriqueceu a vida afetiva do brasileiro. Outra influência psicológica do negro teria sido a sua alegria, capaz de quebrar a melancolia de portugueses e índios.¹³

A obra de Gilberto Freyre, revela uma grande ternura pelo negro, mas o negro escravo, “aquele que conhecia a sua posição” – como o moleque da casa-grande – como saco de pancada de menino rico – como mucama – ama de leite.

Para ele o negro vivia melhor na escravidão do que no regime de liberdade de trabalho. Embora diga que a vida do escravo “não era apenas alegria” não dá elementos da vida concreta do escravo, a não ser nos aspectos que esta se ligava à vida dos senhores. Se não forneceu foi porque não lhe interessava fornecer, uma vez que a crueldade do sistema escravista era patente, porque durante 300 anos, depois de iniciado o tráfico, este continuava a ser a única fonte de trabalhadores, o que quer dizer, no regime não havia sequer reprodução da população escrava (mesmo contando com as fazendas de criação de escravos de propriedade do nosso ínclito e festejado Barão do Rio Branco). Oliveira Viana, racista emérito, em sua obra “Evolução do Povo Brasileiro” págs. 182 e seguintes, demonstra a espantosa mortalidade do negro na senzala, bem como a sua baixa natalidade, e conclui “pode-se dizer que a lei da abolição de 1888 concorre para retardar a eliminação do H. afer (homem africano-WM) em nosso país – porque não há dúvida que se conservado em escravidão ele teria desaparecido mais rapidamente”.

A família patriarcal não exerceu a significação suposta e dita por Gilberto Freyre na família brasileira. Ela era minúscula, uma parcela ínfima da população, no dizer de Caio Prado Júnior. O erro de Gilberto Freyre decorre do fato de pensar na família patriarcal como organização psicológica e não como forma de domínio ou de estrutura de poder econômico e político. Se a família patriarcal caracteriza parcela ínfima da população, sua influência psicológica só pode ser analisada nessa parcela: mas Gilberto Freyre escreve da varanda de Apipucos, e atribui ao brasileiro aquilo que caracterizava apenas a classe alta. No entanto, se a família patriarcal for analisada sob a ótica do sistema de poder, a análise de Freyre ganha outra dimensão, não salientada, não buscada pelo autor, mas nem por isso menos significativa¹⁴.

Se acompanharmos a descrição do poder patriarcal e do poder patrimonialista de Max Weber, vemos que a descrição de Freire se aproxima desses modelos, embora não se deva esquecer que Weber falava de tipos ideais mais ou menos adequados a casos concretos. Se levarmos em conta essa distância entre tipo e caso concreto, a adequação é extraordinária, dando recursos para compreender a passagem do senhor de engenho para o coronel e a política de clientela. Depois da libertação, o patriarca se transforma no coronel, e depois no chefe político que decide questões através de relações de amizade e de família¹⁵. Está claro que Gilberto F. não leva sua análise até a situação descrita.

A análise de Freyre, apanha elementos sociais, culturais, psicológicos e até econômicos, mas todos articulados numa perspectiva psicologista e culturalista. Não é por acaso que ele próprio dirá, ao explicar como e porque escreveu "Casa Grande & Senzala", que estava interessado no "ethos" da gente brasileira. Ao lado disso, Freyre quis compreender os significados psicológicos e sócio-culturais da miscigenação. No conjunto tratou de elaborar uma nova interpretação do ethos da gente brasileira. É evidente que nesse percurso não seria possível apanhar a historicidade da escravidão brasileira. Nesse sentido, Casa Grande & Senzala é uma interpretação a-histórica da escravidão no Brasil¹⁶.

Na verdade, ficam eliminadas, em seu discurso as contradições reais do processo histórico-social, as classes e os estamentos em seus dinamismos específicos e seus conflitos e desajustamentos no sistema social global. Do ponto de vista interpretativo-metodológico¹⁷, o encaminhamento é hábil, uma vez que opera sistematicamente com pares antagônicos para esvaziar a contradição. Apesar de trabalhar com duas categorias sociais bem distintas e definidas — os senhores e os escravos — não são as classes ou as raças que comandam o processo: a tarefa com frequência, não se desenvolve no sentido de precisar, de definir contornos sociais, e sim de imprecisá-los, de matizar a regra geral em tantos exemplos quantos sejam necessários, justamente para indefinir os contornos dos grupos sociais.

Gilberto Freyre, sente, registra, mascara a crise, a lenta perda de poder do grupo oligárquico a que pertence, identificando-a com uma crise nacional¹⁸.

"O que estragou tudo foi a usina".

NOTAS

¹ Mota, Carlos Guilherme — "A historiografia Brasileira nos Últimos Quarenta Anos: Tentativa de Avaliação Crítica" in "Debate e Crítica nº 5 — pág. 07 edição de 1975.

- 2 Freyre, Gilberto de Mello - “Casa Grande & Senzala” Prefácio à 1ª edição - pág. 55 da 21ª edição de 1981 - Ed. José Olimpio - RJ.
- 3 Ibidem.
- 4 Mota, Carlos Guilherme - “Ideologia da Cultura Brasileira” págs. 70/71 - Ed. Ática - 1ª Edição, 2ª impressão 1977.
- 5 Freyre, Gilberto de Mello - Prefácio à Terceira Edição de Casa Grande & Senzala., também publicado em 1938 na Revista do Brasil - apud. C.G. Mota - op. cit. págs. 57/58.
- 6 Leite, Dante Moreira - “O Caráter Nacional Brasileiro” pág. 276 - Ed. Pioneira 3ª edição 1976.
- 7 Freyre, Gilberto de Mello - Op. cit. pág. 05.
- 8 Ibidem - pág. 57.
- 9 Ibidem - pág. 58.
- 10 Mota, Carlos Guilherme - op. cit. pág. 61.
- 11 Costa, Emilia Viotti da - “O mito da Democracia Racial no Brasil” in “Da Monarquia à República” pág. 227 - Ed. Grijalbo - Rio - 1ª ed. 1977.
- 12 Freyre, Gilberto de Mello - Op. cit. pág. 534.
- 13 Ibidem, pág. 586.
- 14 Leite, Dante Moreira - Op. cit. pág. 282.
- 15 Ibidem, Op. cit. pág. 283.
- 16 Ianni, Octávio - “Escravidão e História”. in Debate/Crítica, nº 6, julho de 1975 - pág. 134.
- 17 Mota, Carlos Guilherme - Op. cit. pág. 67.
- 18 Ibidem, pág. 73.